

DESAFIO DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: O POUCO PODE FAZER MUITA DIFERENÇA

Candido Alberto Gomes

O desafio da qualidade da educação no Brasil me recorda um estudante de medicina que, pouco tempo depois de chegar ao Vale do Amazonas, verificou que a maior parte do seu trabalho consistia em “enxugar gelo”, apesar do clima equatorial. Assistindo as populações ribeirinhas dos igarapés, verificou, como tantos outros o haviam feito antes, que, morando em palafitas, as águas serviam tanto ao abastecimento quanto a outras finalidades. Dali mesmo, entre os espaços do chão, lançavam baldes para buscar água, a fim de beber, cozinhar etc. e, por ele também lançavam o lixo e as águas servidas. A prática lhe dizia e aos seus colegas que grande parte das moléstias tratadas, reaparecidas e retratadas, deviam-se à água. Foram então aos relatórios e prontuários, constatando que alta proporção dos casos da medicina curativa se devia mesmo às águas mansas dos igarapés, que se ramificavam pela selva (isto foi nos anos 1970. A floresta ainda existirá?). Conversamos, então, que água tratada e esgotos não chegariam lá a não ser, talvez, em algumas gerações, mas alguma coisa precisava ser feita.

Ele e o grupo resolveram partir para a educação sanitária e a medicina preventiva. Buscaram as melhores formas de tratamento doméstico da água e realizaram um programa de educação informal, à sombra das árvores, antes das chuvas da tarde. O programa incluía uma novidade: um conjunto de microscópios para as comunidades verem as escalas menores da vida. Para espanto dos moradores, fizeram lâminas com amostras de água dos igarapés, não exatamente típicas, mas extremas, e disseram: “Esta é a água que vocês bebem, por isso ficam doentes disto e daquilo!” O choque foi expressivo! Não se realizou nenhuma pesquisa avaliativa, mas soube depois que a situação de saúde melhorou muito.

A COMPREENSÃO DO CURRÍCULO

A educação, como a saúde, é complexa, mas ambas apresentam um terreno fértil para soluções simples, de alta repercussão. A escola é usualmente vista como um prédio, com frequência seguindo a arquitetura de presídio. Fealdade não lhe falta. Um jardim plantado à frente constitui uma raridade comum. Contudo, o prédio é apenas uma parte. A escola mesmo é um conjunto de vivências de todos, educadores e educandos, com diferenças internas e dinamismo, formando os currículos das salas, dos corredores, pátios, banheiros etc. Múltiplos círculos sociais se entrecruzam, com grupos e subgrupos formados por idade, sexo, interesses, gerações, funções profissionais, origens socioculturais. É uma arena potencial e realmente conflituosa, onde se contradizem valores, atitudes, comportamentos, conhecimentos e habilidades. Nada entra e sai da suposta caixa preta em graciosa harmonia. Isso só acontece nos livros. A este conjunto de vivências formais e informais chamamos currículo, como o currículo da vida profissional (*curriculum vitae*).

Os currículos costumam ser confundidos com as grades curriculares, talvez para combinar com a arquitetura escolar de presídio. Assim, na grade horária semanal se salpica um número maior ou menor de matérias, cada qual com seu programa – professor – turma - sala de aula - hora-aula - alunos. Cada matéria é como uma gaveta da cômoda, abrindo-se e fechando-se a horas certas todos os sete dias. É raro ligar entre si o que sai das gavetas, de modo que aos alunos incumbe o ônus de relacionar os “conteúdos”, mais visíveis e importantes que os objetivos. O professor, por múltiplos motivos, como medo e desconhecimento, insiste em ser o foco da turma, diante do quadro, expondo oralmente, às vezes de costas para os alunos, ainda que use lâminas projetadas numa tela, versão eletrônica do quadro de giz. Sendo foco, o docente atrai flores e flechas, recebe e pratica violências, não raro adoecendo.

Estas tradições enraizadas, da mesma forma que se consolidaram, podem mudar, numa interação entre escola, sistema educacional e sociedade. Aprender é um ato da vontade, que se pode despertar. É claro que também se aprende a fazer provas e trabalhos, memorizar, “passar” e não a aprender. Em outras palavras, tanto se pode aprender a aprender como aprender a não aprender. Por isso, importantes qualidades do currículo são a pertinência e a significância para quem aprende. Este é um dos elementos frequentemente esquecidos da qualidade. Com base nele, não sem obstáculos, se pode propor que o aluno, em vez de ouvinte, seja

agente, desafiado e desafiador. Se é um aluno com modesto capital cultural, sua trajetória de vida costuma ser tão dura que, nos currículos fora da escola, sabe da necessidade de construir a duras penas o próprio caminho. As tarefas intelectuais podem ser mais difíceis para ele, porém, reconhecamos, o mais difícil está fora da escola, na comunidade e na sociedade. Aqueles que enfrentam grandes obstáculos, podem transferir parte dessa aprendizagem para a escola e nela ser ativos, em vez de passivos. Por outro lado, a avaliação pode seguir outros passos, sem desprezar o capital cultural indispensável para a vida. Pode se basear em tarefas efetivas, sem recair na simulação da “aprendizagem”, pela provas e exames rituais, criados para manter uma nebulosa de ilusões. Os alunos esquecem tudo, com alívio, ao terminá-los, enquanto professores acham que cumpriram o seu dever. Claro que isso se reflete, depois de filtros e distorções, em escores baixos de avaliações externas. E, então, uma parte luta contra os escores e não com o que acaba por levar a eles. É verdade que os escores raramente voltam e são discutidos com os professores.

CURRÍCULOS E INTERESSES

Currículos não podem ser construídos só com base nos interesses dos alunos, isto é antigo, contudo, trata-se de uma fonte indispensável. Certa vez uma colega atuou numa escola considerada o último chão da desgraça. Vindos da favela (diga-se sem rodeios), faltava-lhes mesmo o capital cultural requerido pelos currículos de sala de aula. Então, atribuíam-se à escola a tarefa de “civilizar os selvagens”, como os colonizadores faziam com os colonizados. Como usual, os “selvagens” resistiam. A certa altura a colega resolveu fazer um grupo de discussão facultativo, sem qualquer tipo de obrigatoriedade de frequência, programa ou nota. A lista de candidatos se encheu rapidamente. Que vocês querem discutir, já que isto é um grupo de discussão? Os alunos, assíduos, atentos, às vezes tumultuados, escolheram: sexo e drogas. Adolescentes, viviam a sexualidade em ebulição. Moradores de uma favela, se moviam nos interstícios do uso e comércio varejista de drogas. Antigos colegas haviam sido mortos ou encarcerados. As drogas e o sexo se associavam para derrubar inibições e aumentar os prazeres em festas organizadas precisamente para aumentar o mercado. Para que eles, alunos, serviam, afinal? De que tirariam o seu sustento no presente e no futuro? Num

emprego de carteira assinada? Qual e como? A professora e psicóloga não fez nenhum milagre, a realidade permanece lá, mais amena e, por isso, deixou de ser midiática. Mas, graças à sua iniciativa, alguns obtiveram da discussão luzes para compreender e decidir. É verdade que sexualidade e drogas aparecem até hoje, na letra de forma dos “currículos”, como temas transversais, mas não chegaram àquela realidade.

Esta é a ilustração de uma distância cultural. É admirável como pessoas bem-intencionadas, bem preparadas, exercitam a sua criatividade e mobilizam o melhor do seu conhecimento e sentimento para conceber políticas educacionais em secretarias e ministérios. Conversa-se entusiasticamente com elas e, meia hora, uma hora depois, se visitam as respectivas escolas. Como dói verificar que o que foi sonhado numa gaiola folheada a ouro, por ex professores de sala de aula, deixa de concretizar-se porque uma série de pressupostos não se verificam na realidade. As duas linguagens, da secretaria e da escola, não se entendem. Há casos bem-sucedidos e outros não tão bem-sucedidos, no diálogo difícil entre o centro e a periferia, cada um querendo saber melhor da realidade.

Com isso, muitas reformas murcham e acabam sendo reformadas. Da mesma forma que currículos são concebidos sem alunos, também o são sem professores. Para vencer a distância, não haverá pacotes salvadores ou “gurus” a serem importados, com suas patentes e seus *royalties*. Não há especialistas em *marketing* ou administração, gestão etc. que tenham remédios salvadores (de alto preço, pois o preço ajuda a valorizar o serviço). É provável que o diálogo, a liderança, o carisma e o amadurecimento do pensamento educacional resolva dissonâncias, sem licitações ou pregões. Há, portanto, muitos caminhos para encontrar soluções simples que saltam à vista, porém que muitos não conseguem ver.

Não por acaso ainda se encontram no mundo escolas em palafitas, como também embaixo de mangueirais densos, com as copas das árvores entretecidas. Na África Subsaariana (e talvez não somente nela) há escolas sazonais que se erguem com o trabalho de alunos, professores e comunidade para as aulas na estação da seca. Antes de caírem as primeiras chuvas, inundantes, são desarmadas para serem reconstruídas no ano seguinte (quem sabe, hoje não estarão na rota de terroristas?). Também existem escolas de refugiados com centenas de crianças num

salão, um quadro diminuto e um professor improvisado cuja assiduidade é elogiável. Tais escolas não são paraísos, nem significam que a educação é viável com pouco dinheiro. Não é isso: quer pelo enraizamento, quer pelo valor da educação, esses alunos, às vezes uma perseverante minoria, conseguem aprender. Enquanto isso, se recorre a palavras francesas, como *ennui* ou *malaise de l'école* (mais ou menos tédio, aborrecimento, mal-estar) para descrever o que acontece em estabelecimentos muito melhor providos, onde nem professores nem alunos acham sentido no que fazem. Por dentro, sentem o peito oco.

Há escolas tradicionais que também não são paraísos, mas se pode ver, pela janela de uma sala de aula sem atrativos, um professor de física newtoniana fazendo o impossível com livros usados e um quadro de giz desgastado. Enquanto isso, cerca de 70 adolescentes apinhados prestam atenção incessante e mantêm silêncio, exceto quando perguntam. Os estudantes estabeleceram seu próprio uniforme, vários trabalham como voluntários e têm um orgulho infinito da *sua* escola. Exercem em parte o seu protagonismo e encontram sentido no que fazem, talvez porque a educação é a única esperança de modificarem as suas condições de vida. O clima é de heroísmo e epopeia. Nesta unidade escolar de um país latino-americano existiam lideranças carismáticas entre adultos e adolescentes, vontade e desejo, uma espécie de missão encarnada em cada um.

Será um fracasso histórico se o desejo acendrado pela educação e o achamento de sentido decorrerem de situações de escassez dela e quase desespero para superar situações sociais iníquas. Nesse caso, seria a confirmação do sentido da educação para poucos e da nossa incompetência de estruturar solidariamente a educação para todos. Os alunos e professores dos casos acima estão, em parte, fortemente motivados por fatores extrínsecos à escola. Os currículos podem gerar a motivação intrínseca da escola. O mapa está aí há muito tempo: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

O BALLET DESARMÔNICO

Outro campo fértil e negligenciado para mudanças de ampla repercussão é o da governança. Os orçamentos públicos e particulares são feitos solidariamente e buscam a coerência interna e externa – e na aparência

muitos o são. Tal coerência, entretanto, se desvanece muito antes de chegar à escola. Se existe copiadora, falta *toner*; se existe papel, falta tinta; se existe vassoura, falta detergente; se existe televisão, a antena tem defeito; se o prédio se deteriora com o tempo, pode ser mais fácil deixá-lo para lá do que conseguir um prédio novo ou uma reforma. Se um professor se aposenta, pode demorar a chegar quem o substitua, ainda que a aposentadoria fosse prevista; dependendo da escola e do componente curricular, pode faltar professor até por longos meses; se existe transferência direta de recursos para a escola, as verbas podem atrasar-se por vários meses e as necessidades ficarem a descoberto. Economia, como educação, parece sinônimo de crise, na verdade, crise eterna, que deixa de ser crise. Por seu lado, verba parece sinônimo de atraso por “falta de dinheiro” ou contingenciamento. Entrosamento entre governos para evitar superposições e vácuos é sinônimo de “política”, demora e dificuldade. Quantas vezes o aluno da escola fundamental chega à escola média da mesma rede como ilustre desconhecido?

Neste ballet cada um interpreta a música como pode; bailarinos entram no palco atrasados, enquanto outros já cumpriram seu papel e demoram a sair; o *pas de deux* mais parece um casamento desfeito. Enfim, é um espetáculo doloroso. Isso se traduz em situações que o tal “jeitinho” pode solucionar. A merendeira chega à diretora e diz: “Professora, chegaram os gêneros, mas os temperos não vieram. Como os meninos vão comer?” A diretora procura no fundo da bolsa, tira um dinheirinho e diz: “Corre ao mercado e compra os temperos!” Lâmpadas queimam. Para abrir um processo leva tempo, mesmo com formulários eletrônicos, que seriam para “agilizar”. Então, os professores fazem uma “vaquinha”. Falta café ou então o café que chegou é “teoricamente” o mais barato (na verdade, saiu caro, porém é intragável). Então, os professores combinam trazê-lo de casa por preço real. A comida é escassa, alunos em crescimento ficam com fome. Então, a equipe inventa festa, rifa e outros recursos, apela ao trabalho voluntário de pais, apela a lojistas (que reclamam da espantosa carga tributária, mas que acabam doando ante o choro dos educadores). Juntando os pedaços, se faz uma reforminha, se pinta a escola, se adquirem equipamentos com as contribuições dos pais.

Surgem as más línguas: “A obra foi superfaturada! A diretora roubou!” (Cospe na famosa Geni!). A Secretaria convoca a diretora. Ela, precavida, gato escaudado com medo de água fria, guardou todos os documentos e

vai com a pastinha embaixo do braço. Lá chegando, o funcionário faz todas as contas (a pobre diretora sentada na cadeira dos réus, calada, esperando) e conclui: “Diretora, como a Sra. conseguiu fazer tanto com tão pouco?” E ela, já “quente”, retruca: “Vocês não mandam as coisas ou mandam em conta-gotas, então, a gente tem que se ‘virar’!” Torna-se, então, uma arena de confronto entre “eles” e “nós”, conflito desestabilizador de que todos saem deslegitimados.

Esta, porém, é a paisagem de escolas que cooperam, que têm sentimento de nós. Há também as que não se incomodam: O governo que cuide! Chega um grupo de alunos-pesquisadores (a expressão é pleonástica) e começa a contar: “Chegamos à escola, como estava marcado. O portão enferrujado estava aberto e a funcionária “competente” achava-se deitada num banco, dormindo ao sol. Perguntamos onde era a diretoria. Ela respondeu: ‘Vão entrando que vocês acham, é lá dentro’”. Outro aluno faz uma pesquisa para saber onde vai o novo dinheiro para a educação. O orientador foi lá com ele também. Depois de algum tempo, vem a notícia: “Professor, aquela obra parou, as instalações elétricas, que eu saiba, não têm a menor segurança.” Quase um ano depois o Ministério Público descobre problemas mais amplos e graves. Onde há fumaça, há fogo. Por sua vez, uma aluna de Pedagogia diz, revoltada, em aula: “A minha filha está com dificuldades de alfabetização. Fui conversar com a professora e ela me disse que só tem compromisso com o contracheque da Secretaria”.

O RISCO DA “FATALIDADE”

Em climas como este alunos do ensino médio sonham em ser professores? A hierarquia de prestígio social gera comentários como este: “Mas a sua filha vai mesmo ‘fazer’ licenciatura?! Que pena, ela é ‘tão capaz’... Não dá para convencê-la a fazer coisa melhor?” Ou, então, o adolescente é apaixonado por História e ensino de História. O pai lhe diz: “Se você ‘fizer’ História, eu te expulso de casa! Vai procurar uma profissão que preste, ‘seu’ vagabundo!” É quase o mesmo que menina que engravida e é mandada embora pelo pai, segundo os mais arcaicos padrões patriarcais.

A literatura quase diz que estes problemas de governança, de ballet desconstruído, são uma sina de “países em desenvolvimento”. Um dia chegaríamos “lá” – é a arriscada esperança que se infere, mas só depois

de se tornar país desenvolvido (qual o caminho até “lá”?). De fato, precisamos de muito dinheiro para a educação. Basta comparar as despesas médias por aluno de um grupo de países “desenvolvidos” com o que se estima no Brasil. O dinheiro é necessário, porém está longe de ser suficiente. É como irrigar terra gretada e seca, como na tristeza do “Quinze”, de Rachel de Queiroz. Tanto a educação distante da vida como instituições frágeis, incoerentes e desarticuladas são problemas complexos. Envolvem mudar pensamentos e sentimentos, corações e mentes, o que é muito difícil, porém possível. Pior, inclui desmanchar redes de promíscuos interesses. É como convencer as populações ribeirinhas a tratar a água. Contudo, tratada a água, rompe-se o círculo vicioso.

Sem erudição, sem citar explicitamente as fronteiras mais avançadas da literatura especializada, aqui se apresentam problemas e soluções concretos de uma educação não relacionada à vida e de uma vida afastada da educação. Por isso, o presente texto não traz uma única referência. Se a qualidade – e, mais ainda, a qualidade equitativa – continua um grande desafio, existem muitas mudanças que custam pouco dinheiro e teriam o mesmo efeito do tratamento da água dos igarapés. Um grupo se atreveu e fez. Com o que tinha. Não se sentou para chorar a pobreza da saúde pública, nem a “ignorância” da população, nem a “resistência à mudança”, nem a perversidade do “sistema” (que ente seria este, tão vago, para culpar?). Planejou e fez. E mudou, ao menos por algum tempo.

A qualidade da educação é o mesmo caso. É preciso pensar e fazer. Novamente os quatro pilares não só na educação básica, mas na superior: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. O estudante, o educador, o burocrata cujo peito dói por se sentir oco (sinal de que está vivo), também chamado de vazio existencial, não conseguiu aprender a ser. E provavelmente não aprendeu a ser porque não aprendeu a conhecer, nem a fazer, nem a conviver. E por isso também não sabe ensinar.

Esta não é uma fatalidade de país “em desenvolvimento”. Fatalidade é palavra ideológica, nuvem que esconde o real. Os desafios têm soluções. Ou se muda ou a perversidade do tal “sistema” será ainda maior.